

PARRHESÍA: PRÁTICA COTIDIANA DO DIZER A VERDADE SOBRE SI MESMO EM UM MOVIMENTO HISTÓRICO À CONTEMPORANEIDADE

Miriam Barreto de Almeida Passos*

Resumo: Este artigo reflete sobre o tema da prática cotidiana do dizer a verdade sobre si, tendo como base o trabalho de Paul Michel Foucault e Zygmunt Bauman. A análise trata sobre a *parrhesía* em um movimento histórico à complexidade (século XXI), constituindo-se como imprescindível essa premissa. A ideia abordada tem como problemática o dizer de cada um a partir das tecnologias. Embora a *parrhesía* seja um tema do passado histórico filosófico, contemplando o privilégio do cidadão bem-nascido, aparecendo pela primeira vez em Eurípedes (484-407 a.C.), mostra-se como um vocábulo a ser pensado na contemporaneidade por presumir a veridicção (em que toda forma de vida é constituída por verdades e práticas), “o falante torna manifestamente claro e óbvio que o que ele diz é a sua própria opinião”, marcando no passado um sobrevoo para a construção do sujeito contemporâneo, “[...]um sobrevoo muito esquemático sob a forma de um movimento que arranca o sujeito de seu status e de sua condição” passada para a atual. Neste sentido, a *parrhesía* é o foco de apreciação e ponderações.

Palavras-chave: *Parrhesía*. Sujeito. Verdade. Genealogia. Contemporaneidade.

PARRHESÍA: EVERYDAY PRACTICE OF TELLING THE TRUTH ABOUT YOURSELF IN A HISTORICAL MOVEMENT TO CONTEMPORARY

Abstract: This production reflects on the theme of everyday practice of telling the truth about oneself, based on the work of Paul Michel Foucault and Zygmunt Bauman. The analysis deals with *parrhesia* in a historical movement to complexity (21st century), constituting this premise as essential. The idea has as a problem the saying of each one from the technologies. Although *parrhesia* is a theme of the philosophical historical past, contemplating the privilege of the well-born citizen, appearing for the first time in Eurípedes (484-407 a. C.), it is shown as a word to be thought of in contemporary times by assuming veridiction (in that every form of life is constituted by truths and practices), “the speaker makes it manifestly clear and obvious that what he says is his own opinion”, marking in the past a flyby for the construction of the contemporary subject, “[...] a very schematic overflight in the form of a movement that takes the subject out of his status and condition” passed on to the present. In this sense, *parrhesia* is the focus of appreciation and consideration.

* Doutoranda em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: mirapassos@hotmail.com.

Keywords: Parrhesia. Subject. Truth. Genealogy. Contemporaneity.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Contextualização geral: principiando a arte do dizer

A arte do “dizer-a-verdade” pode ser comparada com a arte-de-escrever, para o “dizer-a-verdade” torna-se essencial pensar sobre e como se apresenta a verdade do ponto de vista do sujeito, sua historicidade, sua ética, sua cultura, seu meio social, seus princípios, suas crenças, seu “jogo de verdade”.

Ao mesmo tempo, para escrever imprescindível se faz pensar a estrutura da produção, o esqueleto de construção textual para que o (a) leitor (a), a partir do caminho traçado pelo (a) escritor (a), compreenda a sequência adotada na produção. Todo dizer parte de uma historicidade que o constitui, bem como a escrita. Assim, no curso da historicidade desta produção o embrião foi gestado a partir da convocação realizada pelo prof. Dr. Castor M. M. Bertolomé Ruiz, mediador da disciplina intensiva, intitulada: “O PODER DA LINGUAGEM, O SUJEITO E AS FORMAS-DE-VIDA”, do curso pós-graduação em Filosofia da Linguagem, nível doutorado, disciplina ocorrida no período de onze a quinze de janeiro de 2021, pela plataforma *Microsoft Teams*, manhã e tarde.

Neste percurso gestativo, muitas leituras foram realizadas e resolvi, a partir dos estudos foucaultianos, arquitetar a proposta em questão, buscando entrelaçar a discussão ao fio condutor da contemporaneidade. O texto, por certo, não tem a pretensão de encerrar o debate em torno do tema, mas semear ideias no campo filosófico e sociológico, entendendo que estas áreas do saber possibilitam um pensar amplo, com a finalidade de compartilhar saberes entre as pessoas nas áreas específicas, bem como outras áreas de interesses. Com isso, assevero que a parrhesía abordada por Foucault (2011) oferece numerosos fios condutores que podem ser analisados, compreendidos e interpretados à luz do pensamento complexo emergente na contemporaneidade.

Paul-Michel Foucault é um renomado pensador que nasceu, em Poitiers, na França, em quinze de outubro de 1926 e faleceu em vinte e cinco de junho de 1984, ainda jovem, com cinquenta e sete anos, pois contraiu o vírus da imunodeficiência humana.

Foucault iniciou seus estudos e leituras na área da Filosofia ainda jovem, centrando com bastante interesse na Filosofia Política, Linguagem e Psicologia. Muito embora seu pai fosse contra a esse caminho traçado por ele, no âmbito da filosofia, desejando que seu filho optasse pela carreira de médico, mas Foucault seguiu seu caminho com apoio da mãe, figura amorosa, com a qual ele mantinha um vínculo de afeto e confiança.

No texto “Aula 8 de fevereiro de 1984” Foucault apresenta, na primeira hora, antes da enunciação filosófica, referências diretas aos autores dos séculos IV, V e VII, destacando em forma de resumo, pontos essenciais a serem abordados ao longo do documento, como: parresia euripidiana entre outras referências à vida e prática do sujeito nos séculos referidos.

A investigação empreendida por Foucault centra-se numa rigorosa genealogia, ou seja, em uma radiografia das culturas e sociedade grega, tendo o passado histórico como ponte para a reflexão. Nesse sentido, a compreensão do que acontece na contemporaneidade, creio, também, passa pelo movimento histórico, em um dado momento.

No caso da contemporaneidade a cultura digital presente na vida particular, profissional e nas relações outras permite mapear, a partir da genealogia, o curso de onde paramos, o porquê e suas possíveis consequências.

O estudo dos textos de foucaultianos me permitiu reconhecer, pensar, sobre aspectos importantes da história a respeito da parrhesía. Nesse movimento, a transformação da parrhesía, ou seja, “a passagem de uma prática, de um direito, de uma obrigação, de um dever de veridicção definidos em relação à cidade, para as instituições da cidade, para um outro tipo de veridicção, um outro tipo de parresia [...] em relação a constituição como sujeito moral” (FOUCAULT, 2011, p. 31) estabelece-se como elemento complexo, mas imprescindível.

O autor mostra como é possível “se constituir, pelo menos em alguns de seus traços fundamentais, a filosofia ocidental como forma de prática do discurso verdadeiro” (p. 32). A referência à verdade, nesse contexto discursivo, é em si “mesmo poder”; ou como “jogo de verdade”. O jogo não “é um jogo no sentido de imitar ou fazer a comédia...; é um conjunto de procedimentos que conduzem a um determinado resultado válido ou não, vencedor ou perdedor” (CASTRO, 2004, p. 423).

Assim, com a finalidade de refletir sobre o tema em questão, à luz do dizer-a-verdade sobre si mesmo, tendo como base os trabalhos escritos por Foucault, busco evidenciar a parrhesía em um entrelaçamento da coragem da verdade, do sujeito, do caminho genealógico, assim como buscar fios condutores para a discussão, a partir do conceito de liquidez edificado por Bauman (2000), da contemporaneidade de uma cultura digital, em que o desenvolvimento ontológico passa especialmente, sobre o saber que se relaciona, em desafios reais para a vida e para o conhecimento do ser, traçando rotas para entender a gênese e seus efeitos.

Neste ponto de vista, a parrhesía constitui-se como imperativa, pois envolve a oscilação em que a Filosofia é compreendida como razões dos episódios e, é, também, concebida como processo reflexivo crítico, pois se dermos “agora um salto de muitos séculos, podemos dizer que entramos na idade moderna [...] no dia em que admitimos que o que dá acesso à verdade, as condições segundo as quais os sujeitos podem ter acesso à verdade, é o conhecimento”. (FOUCAULT, 2006, p. 23).

Em prosseguimento, trato sobre os “desdobramentos, historicidade e reflexões”, em seguida “contemporaneidade, verdade e atuação do sujeito” e por fim “terminações com possibilidades e movimentos para novas ideias”.

2. DESDOBRAMENTOS, HISTORICIDADE E REFLEXÕES

De que maneira o conhecimento da parrhesía torna-se importante na contemporaneidade? Qual o fio condutor liga à parrhesía às discussões do sociólogo polonês Bauman (2000)? Essas e outras questões se movem ampliando a reflexão sobre o tema em questão.

A prática cotidiana do dizer-a-verdade sobre si mesmo, na contemporaneidade desloca-se em torno da compreensão desse dizer do sujeito para o mapeamento sobre a parrhesia no contexto genealógico.

Do ponto de vista de Foucault (2011), a “palavra parresia é atestada pela primeira vez nos textos de Eurípedes (484-407 a. C.). Aparecia como designando o direito de falar, o direito de tomar publicamente a palavra [...] numa ordem de coisas que interessam a cidade” (p.31). Nos escritos de Eurípedes, citado por Foucault (2011), “esse direito de dizer a sua palavra é um direito que só possui quem é cidadão de nascimento” (p. 31).

O direito da parresia era um direito a ser conservado a qualquer preço, dessa forma o cidadão ateniense exercia, de forma livre, a manifestação de existência em seu sentido pleno. Essa liberdade e privilégio de dizer a verdade era “exercida no meio dos outros, em relação aos outros e sobre os outros” (ibidem, p. 32). Em uma sequência genealógica, Foucault volta à direção da reflexão sobre a parresia e diz que de Platão a Demóstenes, passando por Isócrates, desenvolve-se a desconfiança em relação à parresia.

Com efeito, a crise da parresia se instala, é evidenciada na Filosofia a partir do século IV e V e, nessa perspectiva, a primeira crítica da parresia envolve a democrática, em que se questionava o direito dado do dizer a verdade a qualquer um. Uma liberdade entendida como o termo latitude e, o qual, por extensão, designava o lugar referente ao clima, ou seja, o homem não pode viver em qualquer latitude. No sentido figurativo o vocábulo latitude versa sobre a faculdade do agir à vontade, em uma liberdade sobre tudo e sobre o dizer a todos, deixa-se por latitude o dizer de si, sobre si e sobre os outros.

Nesta perspectiva, a crítica estaria sobre a parresia democrática-latitude, pois essa liberdade era dada aos “bêbedos, pessoas que não estão de posse de seu espírito [...] os que não são sensatos [...] são igualmente os que dividem entre si a fortuna pública e o tesouro do Estado” (ibidem, p. 34).

Outra crítica, ou segundo aspecto que inquieta sobre a parresia democrática, ou da democracia como lugar supostamente privilegiado, segundo Foucault, é que na democracia a parresia é perigosa, primeiro porque a parresia se revela como extensão do

agir à vontade (latitude), suscitando reações negativas, encolerizando, e o discurso verdadeiro exporá a vingança ou a punição em torno desse dizer.

Na Apologia (obra literária escrita por Platão), Sócrates fez a si mesmo a objeção, a saber: “um homem, por conseguinte que fale por motivos nobre e que, por esse motivo nobre, se opõe à vontade de todos, este diz Sócrates, se expõe à morte” (op. cit, p.35).

Insiro que a vingança e ou punição é marca de uma parrhesía que não atendeu aos ditames do poder, da ordem promulgada por um “grupo distinto”, grupo este que detinha o poder.

Em acréscimo, Foucault lança alguns questionamentos sobre as sequências dessa análise, destacando: “que razão se dá para que, no jogo democrático, o discurso verdadeiro não prevaleça sobre o falso? Como é que, no fim das contas, um orador corajoso, um orador que diz a verdade, não é capaz de ser reconhecido?” (op. cit, 38). Por que e como, por qual razão a distinção entre o discurso verdadeiro e o discurso falso não pode ser feita na democracia? A partir dessas questões, Foucault afirma que “a democracia não pode ser o lugar do discurso verdadeiro é um tema que vai perpassar essa crítica que [encontramos] ao longo de todo século V e de onde vão brotar sua formulação” (op. cit, p.38).

Diante desses questionamentos e afirmação foucaultiana, confirmo que essa crítica sobre a parresia ultrapassou os séculos mencionados, chegando, por que não dizer, à sociedade contemporaneidade, o “jogo democrático”, a “falsa democracia”, em que o discurso verdadeiro tem sido neutralizado em função do falso em um movimento da pós-verdade. E essa discussão:

[...] sobre pós-verdade emerge em consonância com o fenômeno das fake news, o que nos faz, invariavelmente, ligar um fenômeno ao outro. [...] à natureza das fake news em comparação com o conceito de pós-verdade [...] pode ser entendido como “a disseminação, por qualquer meio de comunicação, de notícias sabidamente falsas com o intuito de atrair a atenção para desinformar ou obter vantagem política ou econômica (SEIXAS, 2019, p. 128).

Com efeito, o dizer na pós-verdade relaciona-se com fatos que se tornam muitas vezes verossímeis, pois as fontes falsas, quase sempre, tornam-se um fenômeno complexo, misturando o falso e metodologicamente calculado para persuadir o seu

interlocutor, nesse sentido, o dito fica no patamar do questionável: é verdade ou fake news?

Nesse viés, do “jogo democrático”, da “falsa democracia”, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, falecido em janeiro de 2017, aos 91 anos, assevera que a sociedade contemporânea, desponta para o sujeito individualista, a liquidez, a efemeridade das relações, “tempos líquidos”, em que nada dura. Em que o dito popular, de verdade e/ou falsidade, se desfaz em milésimos de segundos, os algoritmos instalaram-se como protagonistas de um gerenciamento da vida do sujeito e a condição humana passa pelo processo de novas adaptações, em que os discursos verdadeiros e falsos se alternam nas redes sociais, “tal proposição deve fazer vacilar quem transita à vontade no discurso da modernidade e está familiarizado com o vocabulário usado normalmente para narrar a história moderna” (BAUMAN, 2000, p. 4).

Importante ressaltar que Bauman dedicou sua vida a estudar a condição humana, enfatizando que as formas de vida são marcadas pela vulnerabilidade e fluidez, ou seja, o sujeito torna-se incapaz de manter uma identidade por um longo período, pois o tempo líquido induz ao instantâneo e ao efêmero. Nesse sentido, ao pensar sobre a parresia sobre o dizer, o processo se instaura como liquidez, como o dizer de um tempo em que o próximo tempo não mais tem validade, o próprio tempo dito já passou. Assim, “liquidez [...] é usada para destacar o estado maleável, inconstante, dinâmico, adaptativo e mórfico do mundo social na versão contemporânea” de Bauman (FORTUNATO; GALENO, 2018, p.99).

Igualmente,

[...] nas sociedades líquidas tudo o mais se desfaz seguindo a velocidade da produção e das adaptações muitas vezes impostas ao universo da cultura pelos processos produtivos, políticos e econômicos de adequação. O resultado disso é que a crise desencadeada pela expansão dos imperativos capitalistas que afeta profundamente as estruturas culturais, bem como as práticas e os valores que até então, de maneira mais ou menos eficaz, refletiam uma forma de viver e atribuíam sentido à existência das pessoas (ibidem, 2018, p. 100).

Por certo, ao proferir o dizer, o postar, o referendar, a partir das redes sociais, presentes na contemporaneidade, impõe ao sujeito uma vigilância, ou seja, a rede “tecnológica panóptica” desempenha seu papel de vigilância, que para Foucault, citado

por Fortunato e Galeno (2018, p. 103), necessário pensar que: “as tecnologias de poder panópticas e as biopolíticas” são “formas sofisticadas de se produzir disciplina e controle, mas também, de se modular populações, práticas sociais e individuais, paixões e subjetividades”. Nesse movimento de tempo, fluidez, liquidez, “modular populações”, a “velocidade do movimento e o acesso a meios mais rápidos de mobilidade chegaram nos tempos modernos à posição de principal ferramenta do poder e da dominação” (op. cit.).

Michel Foucault utilizou o projeto do Panóptico de Jeremy Bentham como arquimetáfora do poder moderno. No Panóptico, os internos estavam presos ao lugar e impedidos de qualquer movimento, confinados entre muros grossos, densos e bem-guardados, e fixados a suas camas, celas ou bancadas. Eles não podiam se mover porque estavam sob vigilância; tinham que se ater aos lugares indicados sempre porque não sabiam, e nem tinham como saber, onde estavam no momento seus vigias, livres para mover-se à vontade. As instalações e a facilidade de movimento dos vigias eram a garantia de sua dominação; dos múltiplos laços de sua subordinação, a “fixação” dos internos ao lugar era o mais seguro e difícil de romper. O domínio do tempo era o segredo do poder dos Administradores - e imobilizar os subordinados no espaço, negando-lhes o direito ao movimento e rotinizando o ritmo a que deveriam obedecer era a principal estratégia em seu exercício do poder. A pirâmide do poder era feita de velocidade, de acesso aos meios de transporte e da resultante liberdade de movimento (ibidem, p. 10).

Esse Panóptico, arquimetafórico, utilizado por Foucault, em sua análise do vigiar e punir, encontra-se amparado na ideia do filósofo do século dezoito, o filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham (1748-1832) propôs o panóptico não como prisão, segundo a reflexão do Bentham, mas como medida para vigilância, uma construção, como dispositivo de concentrações humanas. Para Bentham, a configuração panóptica “servirá tanto para prisões quanto para escolas, para as usinas e os asilos, para os hospitais e as workhouses... é a casa dos habitantes involuntários, reticentes ou constrangidos” (TOMAZ, 2008, p.89-90).

A utilização desse sistema de filosofia moral, especulativa, tendo como preocupação a solução prática para a sociedade da época serviria de vigilância e

controle. Hoje, com o avanço dos meios tecnológicos, a vigilância, na contemporaneidade retoma com toda força, segundo Santos e Portugal (2019), como “tema central na análise sobre o poder” (p. 37).

A vigilância está ancorada na visibilidade que se constitui no encontro dos enunciados dos dispositivos discursivos com práticas não-discursivas. O aprofundamento da análise do panóptico e da própria filosofia utilitarista de Bentham realizada por Foucault potencializa o reconhecimento e identificação de pistas da movimentação atual de nossa sociedade (p 37).

A teoria do panóptico de Bentham (no século XVIII), retomada por Foucault, está presente na modernidade, pois vivemos em uma sociedade duramente vigiada, penso que estamos envoltos nesse “panóptico tecnológico”, um exemplo simples pode ser mencionado, como ao pesquisar sobre um tema, logo em seguida milhões de propagandas e sugestões relacionadas são apresentados.

Com isso, a contemporaneidade, verdade e atuação do sujeito tomam novos rumos a partir de um clique, das mensagens enviadas pelas redes sociais, da busca e pesquisa realizadas pelo sujeito. E, nesse movimento a vigilância do “panóptico tecnológico”, o dizer passa, nesse contexto, também, pela vigilância.

3. CONTEMPORANEIDADE, VERDADE E ATUAÇÃO DO SUJEITO

A contemporaneidade é entendida aqui como o que acontece em uma época presente, em cada século que se desdobra como novo movimento, podendo distinguir-se como século XIX, assim como do século XX, e/ou século XXI. Para esta abordagem contemporânea refiro-me ao século XXI, com suas mudanças efervescentes, em um cenário em que as Fakes News, o controle e a vigilância operam, sejam em prol de uma ordem política, econômica ou apenas em benefícios de interesses escusos e estritamente particulares.

As fakes news são algoritmos que ao longo dos últimos dez anos, mais ou menos, vem se proliferando em notícias falsas e, por conseguinte, relaciona-se com a expressão da pós-verdade.

a ferramenta da mentira (ou do engano) é própria da constituição do Homo Sapiens [...] A problemática da mentira no conceito de pós-verdade aparece já na própria morfossemântica do termo. [...] Trata-se da relação pretendida com a noção de verdade. o caso de “pós-verdade” [...] O que ocorre, com efeito, é uma superação do desejo de verdade por parte dos sujeitos, ao menos da verdade divergente da sua. Por assim dizer, haveria certo desinteresse dos sujeitos em estabelecer um movimento heurístico de verificação dos fatos e das verdades, porquanto mais vale a manutenção das convicções e das identidades do que um verificacionismo a todo custo. Não há, logo, preocupação em checar os fundamentos e fontes de uma verdade, já que há sempre uma leitura pré-programada dos sujeitos, enviesada, por certo, dos eventos sociais (SEIXAS, 2019, p. 125).

Nessa contemporaneidade em que se opera o controle, seu distintivo é “a interpenetração dos espaços, a ausência dos limites e a instauração de um tempo contínuo no qual os indivíduos estão enredados” (FIGARO et al, 2015, p. 2), em um constante movimento de regulação. Tudo pode ser controlado, vigiado, divulgado: informações, conhecimentos, comunicações, do Oiapoque ao Chuí. Nessa lógica, o poder que detém as redes sociais é tão aprimorado cada dia mais que tende a regular uma enormidade de dados de uma dada sociedade, gerando em torno dela inúmeras notícias falsas e verdadeiras, propagandas de todas as ordens, saberes em todas as áreas, assim como também estreitar relações entre pessoas de territórios longínquos.

Com efeito, com o avanço dos dispositivos tecnológicos na contemporaneidade, pensar a parrhesía, nesse cenário volátil, instantâneo, líquidas, de relações e construções instáveis, em que o poder se centra em qualquer sujeito que a partir de um clique, do dispositivo eletrônico, constrói o seu dizer, sua mensagem que para o idealizador é indispensável. Torna-se cada vez mais complexo, pois, em milésimos de segundos se prolifera no entorno e para o mundo o dizer em relação a um contexto político, econômico ou social, através dos meios virtuais, utilizando-se, para tanto, das tecnologias da informação, sejam elas digitais e/ou analógicas.

Essa parrhesía contemporânea, em que as relações dos sujeitos são efêmeras, líquidas, situa-se como possibilidade de elo nessa conexão e reconstrução de um mundo mais verdadeiro, buscando com isso, emergir na atitude do sujeito a verdade do dizer. A parrhesía, após as críticas seculares e as crises, mesmo de forma complexa, necessária.

Na contemporaneidade, a globalização, exige do sujeito atuação, ação do dizer a verdade de si, sobre si e sobre o outro. Nessa perspectiva, global, líquida da pós-

modernidade, enfatizada por Bauman (2000), “descrito certa vez como “profeta da pós-modernidade¹⁵¹”, importa registrar o diálogo entre as áreas do conhecimento, para melhor pensar a problemática que emerge da sociedade pós-moderna. Em entrevista concedida à Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, Bauman declara: Fui educado e treinado no Departamento de Filosofia e Sociologia, e não me recorro de nenhum conflito entre as duas partes do mundo acadêmico: ambas pareciam assumir que eram "naturalmente" parte de um todo, talvez se vissem mesmo como gêmeos siameses, ou até gêmeos holocéfalos! Sou inclinado a acreditar que as raízes da sociologia como uma atividade intelectual separada e relativamente autônoma se encontram na exposição da antiga atividade filosófica à ousada, e até temerária, intenção de "ilustrar". O projeto de "ilustração" pode ser entendido, para usar a famosa alegoria de Platão, como a vontade de levar o produto da contemplação das verdades brilhantes e ofuscantes dos filósofos para os habitantes das cavernas e, desse modo, retirá-los dos bancos aos quais estavam atados, permitindo que vissem, absorvessem e retivessem algo mais valioso do que as meras sombras das coisas refletidas nas paredes. Em outras palavras, a sociologia nasceu da intenção, do desejo de compartilhar a sabedoria dos filósofos com *hoi polloi*, as "pessoas comuns", e de com isso elevá-las da ignorância e superstição para o conhecimento e entendimento genuínos. Inclino-me a pensar que na sua origem a sociologia era um programa de educação filosófica universal... Li o apelo à razão como uma faculdade universal dos seres humanos, contido em *Was ist Aufklärung* ("O que é Iluminismo") de Kant, como um manifesto sociológico (dentre outras coisas, é claro).

Nessa abordagem, penso que, há pertinência das ideias de Bauman enquanto sociólogo, assim como, de Foucault pensador, filósofo. As ideias desses pensadores possibilitam entender o respeito às diferenças ideológicas, as identidades dos sujeitos, a história de vida de cada um e, além disso, a pensar a sociologia e a filosofia como áreas não separadas, estanques, mas que se coadunam em determinado ponto, e que estão ligadas às crises e tensões dos problemas humanos. Além disso, estas ideias enunciativas se inserem na coragem de uma verdade do sujeito que pensa, do dizer, em

¹⁵¹ PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Entrevista com Zigmunt Bauman. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100015. Acesso em: 26 de janeiro de 2021.

uma ligação com a condição humana, na afinidade entre o sujeito, sua verdade, sua contemporaneidade e sua parrhesía.

A história da parrhesía, destacada por Foucault, a partir de sua genealogia, demonstra que: ...essa questão da parresia vai levar bem longe a própria história do pensamento, não apenas o pensamento político, mas o pensamento filosófico no Ocidente, a parresia não é mais simplesmente como caracterizada em Eurípedes, um privilégio a exercer, privilégio cujo exercício se confunde com a liberdade do cidadão honrado, aparece agora não como um direito, mas como uma prática, mas um parceiro, passa-se da pólis à psykhé como correlativo essencial da parresia, o objetivo da prática parresiástica, agora orientado para a psykhé, não é mais tanto o conselho útil, mas a formação de uma certa maneira de ser, o discurso filosófico não seja simplesmente um discurso científico, que [se limitaria a] definir e pôr em jogo as condições do dizer-a-verdade, o que faz o discurso filosófico, da Grécia até nós, o discurso científico é um discurso cujas regras e objetivos podem ser definidos em função da questão: o que é o dizer-a-verdade? O que faz que um discurso filosófico seja outra coisa, é que nunca coloca a questão da verdade sem se interrogar ao mesmo tempo sobre as condições desse dizer-a-verdade (FOUCAULT, 2011, p. 59).

Na abordagem foucaultiana, sobre a parresia e o discurso filosófico, Foucault ressalta que o discurso filosófico passa por quatro modalidades: (i) a filosofia como discurso que nunca coloca a questão da verdade. (ii) A atitude de sabedoria é a que pretende dizer; (iii) o discurso que procura pensar e dizer a verdade da política e do éthos, e (iv) a atitude parresiástica de reconduzir a propósito da verdade.

Por fim, na enunciação filosófica de Foucault e Bauman, os pensadores discutem problemas de enunciação com referências e amparos na genealogia e na arqueologia quando considera os objetos materiais da cultura, destacando as diferentes maneiras pelas quais o discurso cumpriu sua função, assim como, por que não dizer na Linguística que forneceu a ancoragem para contemplar “o sujeito da linguagem”, evidenciando aspectos que dão pistas a uma reconstrução do pensar hoje a partir do ontem, demonstrando os problemas relevantes, na contemporaneidade, oriundos e incessantes da globalização.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: TERMINAÇÕES COM POSSIBILIDADES E MOVIMENTOS PARA NOVAS IDEIAS

Chego nesse momento às terminações dos registros e reflexões em torno da Parrhesía como prática cotidiana do dizer-a-verdade sobre si mesmo em um movimento histórico à contemporaneidade, confirmando que, tal expressão como importante e fulcral a ser pensada no século XXI, passa por um novo dispositivo de divulgação desse dizer, o meio tecnológico.

Com efeito, a partir do momento que o dizer a verdade gera, em algumas situações, um problema, ao registrar esse dizer, o dito se faz ecoar no mundo, mas de forma fluida, volátil, e a veridicção passa a ser questionada, é fake news ou verdade? A veridicção, portanto é demonstrada a partir das práticas do sujeito, a coerência ou incoerência desse dizer a partir do “panóptico tecnológico”. Então, tudo pode ser verificado, comprovado.

Nessa verificação, o foco de apreciação, ponderações e ligações realizadas nessa produção, marcou o passado em um sobrevoo para a construção do dizer no presente. Conforme ressalta Foucault (2006, p.20) um “sobrevoo muito esquemático sob a forma de um movimento que arranca o sujeito de seu status e de sua condição”, passada para o mundo atual. Um mundo em que os fins gerados pelo indivíduo se tornam amplos em demasia, pois os “disponíveis são o volume e eficácia dos meios que se deve atender com mais cuidado. Permanecer na corrida é o mais importante nesse movimento [...] o meta-meio: o meio de manter viva a confiança em outros meios e a demanda por outros meios” (BAUMAN, 2000, p. 66).

Destarte, as ideias construídas por Bauman (2000) convidam a pensar sobre a corrida individual do sujeito na sociedade da tecnologia e do dizer, a qual se mostra, em um constante consumo dos movimentos para um fim, para o aparecer, em uma busca ávida e sem término “por novos exemplos aperfeiçoados”, também, por outros movimentos que suscitem novos meios, novas possibilidades, novas ideias, nova forma do dizer-a-verdade, a sua verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro. Título original: Liquid Modernity. Tradução autorizada da edição inglesa publicada em 2000 por Polity Press, de Oxford, Inglaterra.

CASTRO, Edgardo. **O vocabulário de Foucault**. São Paulo: Autêntica, 2004.

FIGARO, Roseli, NONATO, Claudia; FILHO, Fernando Felícia Pachi. **Vigilância e controle da comunicação no mundo do trabalho**: manuais de conduta modelam a comunicação¹. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/issue/view/67>. Acesso em: 28 de janeiro de 2021.

FIGARO, Roseli, NONATO, Claudia; FILHO, Fernando Felícia Pachi. Vigilância e controle da comunicação no mundo do trabalho: manuais de conduta modelam a comunicação¹. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação** - E-compós, Brasília, v.18, n.3, set/dez. 2015. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/issue/view/67>. Acesso em: 28 de janeiro de 2021.

FOUCAULT, Michel. Aula 8 de fevereiro de 1984. In id. A coragem da verdade. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **1ª. Conferência**: O significado da palavra parrhesía. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/1550>. Acesso em: 25 de janeiro de 2021.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. Curso dado no College de France (1981-1982) Edição estabelecida por Frédéric Gros sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana Tradução MÁRCIO ALVES DA FONSECA SALMA TANNUS MUCHAIL Martins Fontes São Paulo, 2006.

FORTUNATO Lucas; GALENO Alexsandro. **Civilização, Tecnologia e Poder na Modernidade Líquida**. INTER-LEGERE - Natal, v. 1, n. 23, jul/dez, 2018 | ISSN 1982-1662 Disponível em: <file:///C:/Users/mirap/Downloads/15878-Texto%20do%20artigo-51611-1-10-20181219.pdf>. Acesso em: 27 de janeiro de 2021.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Entrevista com Zygmunt Bauman**. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100015. Acesso em: 26 de janeiro de 2021.

SANTOS, Rômulo Ballestê Marques dos; PORTUGAL, Francisco Teixeira. **O panóptico e a economia visual moderna:** do panoptismo ao paradigma panóptico na obra de Michel Foucault. Rev. psicol. polít. vol.19 no.44 São Paulo jan./abr. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2019000100006. Acesso em: 28 de janeiro de 2021.

SEIXAS, Rodrigo. A retórica da pós-verdade: o problema das convicções. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, ilhéus, n. 18, abr.2019. Disponível em: <file:///C:/Users/mirap/Downloads/2197-Texto%20do%20artigo-9778-1-10-20190429.pdf>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

TOMAZ, Tadeu (organizador). **O Panóptico**. JEREMY BENTHAM. Traduções Guacira Lopes Louro (Perrot) M. D. Magno (Miller) Tomaz Tadeu (Bentham e Werrett). Belo Horizonte: Autêntica Editora Ltda, 2008.